

Educação | vol. iv
dilemas contemporâneos

Lucas Rodrigues Oliveira
organizador



Pantanal Editora

2020

Lucas Rodrigues Oliveira
Organizador

EDUCAÇÃO
DILEMAS CONTEMPORÂNEOS
VOLUME IV



Pantanal Editora

2020

Copyright© Pantanal Editora
Copyright do Texto© 2020 Os Autores
Copyright da Edição© 2020 Pantanal Editora
Editor Chefe: Prof. Dr. Alan Mario Zuffo
Editores Executivos: Prof. Dr. Jorge González Aguilera
Prof. Dr. Bruno Rodrigues de Oliveira

Diagramação: A editora

Edição de Arte: A editora. Imagens de capa e contra-capa: Canva.com

Revisão: Os autor(es), organizador(es) e a editora

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – OAB/PB
- Profa. Msc. Adriana Flávia Neu – Mun. Faxinal Soturno e Tupanciretã
- Profa. Dra. Albys Ferrer Dubois – UO (Cuba)
- Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – IF SUDESTE MG
- Profa. Msc. Aris Verdecia Peña – Facultad de Medicina (Cuba)
- Profa. Arisleidis Chapman Verdecia – ISCM (Cuba)
- Prof. Dr. Bruno Gomes de Araújo - UEA
- Prof. Dr. Caio Cesar Enside de Abreu – UNEMAT
- Prof. Dr. Carlos Nick – UFV
- Prof. Dr. Claudio Silveira Maia – AJES
- Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – UFGD
- Prof. Dr. Cristiano Pereira da Silva – UEMS
- Profa. Ma. Dayse Rodrigues dos Santos – IFPA
- Prof. Msc. David Chacon Alvarez – UNICENTRO
- Prof. Dr. Denis Silva Nogueira – IFMT
- Profa. Dra. Denise Silva Nogueira – UFMG
- Profa. Dra. Dennyura Oliveira Galvão – URCA
- Prof. Dr. Elias Rocha Gonçalves – ISEPAM-FAETEC
- Prof. Me. Ernane Rosa Martins – IFG
- Prof. Dr. Fábio Steiner – UEMS
- Prof. Dr. Gabriel Andres Tafur Gomez (Colômbia)
- Prof. Dr. Hebert Hernán Soto Gonzáles – UNAM (Peru)
- Prof. Dr. Hudson do Vale de Oliveira – IFRR
- Prof. Msc. Javier Revilla Armesto – UCG (México)
- Prof. Msc. João Camilo Sevilla – Mun. Rio de Janeiro
- Prof. Dr. José Luis Soto Gonzales – UNMSM (Peru)
- Prof. Dr. Julio Cezar Uzinski – UFMT
- Prof. Msc. Lucas R. Oliveira – Mun. de Chap. do Sul
- Prof. Dr. Leandris Argentel-Martínez – Tec-NM (México)
- Profa. Msc. Lidiene Jaqueline de Souza Costa Marchesan – Consultório em Santa Maria
- Prof. Msc. Marcos Pisarski Júnior – UEG
- Prof. Dr. Mario Rodrigo Esparza Mantilla – UNAM (Peru)
- Profa. Msc. Mary Jose Almeida Pereira – SEDUC/PA
- Profa. Msc. Nila Luciana Vilhena Madureira – IFPA
- Profa. Dra. Patrícia Maurer
- Profa. Msc. Queila Pahim da Silva – IFB
- Prof. Dr. Rafael Chapman Auty – UO (Cuba)
- Prof. Dr. Rafael Felipe Ratke – UFMS
- Prof. Dr. Raphael Reis da Silva – UFPI

- Prof. Dr. Ricardo Alves de Araújo – UEMA
- Prof. Dr. Wéverson Lima Fonseca – UFPI
- Prof. Msc. Wesclen Vilar Nogueira – FURG
- Profa. Dra. Yilan Fung Boix – UO (Cuba)
- Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – UFT

Conselho Técnico Científico

- Esp. Joacir Mário Zuffo Júnior
- Esp. Maurício Amormino Júnior
- Esp. Tayronne de Almeida Rodrigues
- Esp. Camila Alves Pereira
- Lda. Rosalina Eufrausino Lustosa Zuffo

Ficha Catalográfica

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
E24	<p>Educação [recurso eletrônico] : dilemas contemporâneos: volume IV / Organizador Lucas Rodrigues de Oliveira. – Nova Xavantina, MT: Pantanal, 2020. 124p.</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web ISBN 978-65-88319-33-8 DOI https://doi.org/10.46420/9786588319338</p> <p>1. Educação. 2. Aprendizagem. I. Oliveira, Lucas Rodrigues de. CDD 370.1</p>
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

O conteúdo dos e-books e capítulos, seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva do(s) autor (es) e não representam necessariamente a opinião da Pantanal Editora. Os e-books e/ou capítulos foram previamente submetidos à avaliação pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação. O download e o compartilhamento das obras são permitidos desde que sejam citadas devidamente, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais, exceto se houver autorização por escrito dos autores de cada capítulo ou e-book com a anuência dos editores da Pantanal Editora.



Pantanal Editora

Rua Abaete, 83, Sala B, Centro. CEP: 78690-000. Nova Xavantina – Mato Grosso – Brasil.
Telefone (66) 99682-4165 (Whatsapp).
<https://www.editorapantanal.com.br>
contato@editorapantanal.com.br

APRESENTAÇÃO

A educação foi profundamente afetada pelas consequências da pandemia do Covid-19 – assim como foram afetadas muitas outras áreas, como a economia e as relações sociais. A necessidade do distanciamento social – situação necessária para evitar a proliferação da doença – obrigou as escolas do Brasil e do mundo a adotarem um ensino remoto. Nesse contexto, os abismos relacionados à educação ficaram ainda mais evidentes; boa parte dos alunos de escolas públicas não conseguiu acompanhar as aulas remotas, por falta de internet ou das tecnologias necessária.

Apesar de não focar apenas nesse momento excepcional da educação no Brasil, esse volume do livro “Educação: Dilemas Contemporâneos” irá propor temas que englobam várias situações do processo educacional, em diferentes etapas da educação básica e do ensino superior.

Dessa forma, é possível apontar alguns temas principais dessa obra: a inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais; questões relacionadas à disciplina e indisciplina dos alunos no ambiente escolar; apontamento sobre avaliação externa; a evasão dos alunos universitários e docência no ensino superior.

Além desses temas, destaca-se a reflexão sobre as metodologias ativas – em que se busca colocar o aluno como protagonista no processo de ensino e aprendizagem. Nessa perspectiva, há capítulos que refletem sobre a utilização da horta no ambiente escolar e também sobre o trabalho pedagógico utilizando de filmes na sala de aula.

Assim, o presente livro tem o objetivo de contribuir para a democratização do ensino no Brasil, pois, por mais que avanços nesse sentido já sejam notados, ainda é visível o abismo que separa uma parte dos estudantes brasileiros de outra parte menos privilegiada.

Lucas Rodrigues Oliveira


SUMÁRIO

Apresentação	4
Capítulo I	6
O cinema no contexto educacional da sala de aula	6
Capítulo II	16
Educação: a disciplina em sala de aula no desafio da gestão de corpos	16
Capítulo III	30
Os indicadores da avaliação externa em matemática no Brasil.....	30
Capítulo IV	42
Metodologias ativas no processo formativo em enfermagem na construção do cuidado	42
Capítulo V	52
A participação da família no processo de alfabetização: um estudo de caso no ensino fundamental ...	52
Capítulo VI	63
Docência do Ensino Superior: o papel dos docentes em Manaus – AM.....	63
Capítulo VII	69
Potencialidades de uso de horta escolar para o ensino de Biologia: percepção dos estudantes de Ensino Médio.....	69
Capítulo VIII	88
Evasão, um fenômeno ainda recorrente nas universidades federais brasileiras: indicadores na Universidade Federal do Pará Campus Altamira	88
Capítulo IX	105
Programa de Apoio ao Estudante com Deficiência: inclusão e permanência de PcD na Universidade Federal da Paraíba.....	105
Índice Remissivo	123

Programa de Apoio ao Estudante com Deficiência: inclusão e permanência de PcD na Universidade Federal da Paraíba

Recebido em: 14/11/2020

Aceito em: 17/11/2020

 10.46420/9786588319338cap9

Luana Ranielle F. da Costa¹ 

Mariana Lins de Oliveira^{2*} 

INTRODUÇÃO

Na Constituição brasileira de 1988, a educação é garantida enquanto direito social (Art. 6), sendo dever do Estado efetivá-la mediante atendimento educacional de preferência na rede regular de ensino às pessoas com deficiência (Art. 208, inciso III). Diante desse aparato legal, uma série de outros mecanismos foram necessários no sentido de implementar políticas educacionais inclusivas, permitindo o acesso de pessoas com deficiência (PcD) às universidades. É importante registrar que entre os anos de 2009 e 2018 dados do Censo da Educação Superior apontam um aumento de 113% do número de alunos com deficiência (AcD) matriculados em cursos de graduação.

Contrariando expectativas minimizadas historicamente através de atitudes discriminatórias e preconceituosas que atribuem as pessoas com deficiência, por vezes características não humanas, pelo distanciamento dos padrões sociais “ditos normais”, e legitimando comportamentos metastáticos, conforme considerou Skliar (2006), as pessoas com deficiência (PcD) ocupam os assentos das universidades diante de contextos de lutas permeadas por processos históricos repletos de rupturas e continuidades.

Nesse contexto, apenas o ingresso não significa que a inclusão de fato está ocorrendo, se torna necessário, portanto, debater sobre os aspectos relacionados a permanência desses estudantes no ambiente universitário, no qual o acesso implica processo de mudança e está relacionado a criar condições legais e direitos igualitários (Manzini, 2008).

Nesse caminho de desafios e superações entre o chegar e permanecer, buscamos situar os discursos dos estudantes apoiados e apoiadores (termo definido pelo Programa de Apoio ao Estudante com Deficiência – PAED), reconhecendo-os em suas particularidades a partir dos seus lugares de falas, que ecoam não raramente pedindo especialmente por formação e nos fazendo enxergar que a inclusão é uma

¹ Mestra em Educação - Universidade Federal da Paraíba/UFPB.

² Doutora em Educação - Universidade Federal da Paraíba /UFPB.

* Autor(a) correspondente: mariloliveiras@gmail.com

possibilidade, mas cheia de incertezas e que deve ser compreendida em sua complexidade de maneira sempre relacional. Analisamos, portanto, a importância das relações entre apoiadores e AcD (alunos com deficiência - os apoiados) através do Programa de Apoio ao Estudante com Deficiência (PAED), que dentre outras ações, “visa a dar apoio pedagógico aos estudantes com deficiência através de acompanhamento de um estudante bolsista (chamado apoiador) do mesmo curso ou área que o estudante com deficiência”².

MATERIAL E MÉTODOS

A presente pesquisa de natureza qualitativa compreendeu os sujeitos participantes como atores sociais, capazes de ressignificar a si próprio e a realidade quando desfrutam da possibilidade de refletir sobre a sua condição e o mundo que o cerca. Alicerçados no pensamento de Moita Lopes (2006), destacamos que construir conhecimento é uma forma de dar voz a grupos considerados excluídos e estigmatizados para que os problemas reais venham a ser analisados, compreendidos e em alguma medida, transformados. Deste modo, através de entrevistas semiestruturadas buscamos ouvir as vozes dos estudantes apoiados e apoiadores com o objetivo de conhecermos as vivências e experiências dos mesmos no âmbito do Programa de Apoio ao Estudante com Deficiência (PAED), na Universidade Federal da Paraíba (UFPB). De maneira mais específica, as entrevistas nos auxiliaram a refletir sobre os efeitos das ações dos apoiadores sobre a condição de permanência dos alunos com deficiência (AcD).

Para delimitar o público alvo deste estudo, considerando o universo de 83 alunos assistidos e 126 apoiadores com cadastros ativos no ano de 2019, selecionamos dois grupos de naturezas distintas o que nos permitiu dividi-los, respectivamente em: 4 alunos apoiados e 5 apoiadores, perfazendo um total de 9 participantes do Campus I, da UFPB, sendo estes os sujeitos e o lócus da pesquisa.

Os critérios para escolha dos participantes da pesquisa foram os seguintes: alunos apoiados que estavam cursando do 4º período em diante de seus cursos de graduação, por terem um considerável tempo de vivência acadêmica na instituição e conseqüentemente de participação no PAED. Para os apoiadores, utilizamos como critério aqueles que assistiam AcD a um ano ou mais, não necessariamente sendo alunos apoiadores do AcD entrevistados.

Para a realização da coleta de dados, fizemos uma consulta prévia aos sujeitos colaboradores, sobre a possibilidade de participação na pesquisa e aceitação mediante conhecimento dos objetivos e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), do Projeto devidamente aprovado pelo Comitê de Ética³ da instituição.

²Disponível em: <<http://www.ufpb.br/prape/contents/menu/assuntos/apoio-ao-estudante-com-deficiencia>> Acesso em: 13 mar. 2019.

³ Parecer consubstanciado nº 3.219.140 de 25 de março de 2019.

Nos quadros 1 e 2 estão apresentados, respectivamente, os perfis dos apoiados e apoiadores que se dispuseram a colaborar com a presente pesquisa, buscando preservar a identidade de cada um deles, os quatro AcD serão identificados pelos pseudônimos de Antônio, Ulisses, Talita e Otávio e os cinco apoiadores por Natanael, Olga, Marília, Ivana e Apolo. Por compreendermos, sobretudo que o apoio prestado busca permitir, a autonomia dos AcD no espaço universitário, as iniciais dos pseudônimos atribuídos aos sujeitos colaboradores da pesquisa formam a palavra autonomia.

Quadro 1. Perfil dos alunos apoiados colaboradores da pesquisa. Fonte: Elaborado pela autora (2019).

Identificação	Idade	Estado Civil	Curso	Período do curso	Deficiência	Quantidade de apoiadores
Antônio	34 anos	Solteiro	Biblioteconomia	11º	Doença motora de origem cerebral	2
Ulisses	33 anos	Solteiro	Psicologia	7º	Múltipla (física, motora e visual)	3
Talita	32 anos	Solteiro	Radialismo	4º	Visual	2
Otávio	42 anos	Casado	Pedagogia	8º	Visual	2

Quadro 2. Perfil dos alunos apoiadores colaboradores da pesquisa. Fonte: Elaborado pela autora (2019).

Identificação	Idade	Estado Civil	Curso	Deficiência do aluno que apoia/apoiou	Tempo de atuação como aluno apoiador
Natanael	22 anos	Solteiro	Arquitetura e Urbanismo	Física (um aluno) Visual (uma aluna)	1 ano
Olga	33 anos	Solteiro	Tecnologia de Alimentos	Visual (dois alunos) TDAH (1 aluno)	1 ano e 8 meses
Marília	20 anos	Solteiro	Serviço Social	Visual (1 aluno)	1 ano
Ivana	23 anos	Casada	Tecnologia de Alimentos	Visual (uma aluna)	1 ano
Apolo	27 anos	Solteiro	Pedagogia	Física (um aluno) Auditiva (um aluno) Visual (um aluno)	2 anos

Por se tratarem de entrevistas semiestruturadas, categorias e variáveis diversas surgiram por meio das vozes dos colaboradores da pesquisa, que são inerentes ao processo de inclusão de pessoas com deficiência na educação superior. Nossa categoria inicial principal refere-se à permanência de alunos com deficiência na universidade, as secundárias construídas ao longo da pesquisa foram a chegada à universidade, os apoios prestados e recebidos, bem como as sugestões dos sujeitos sobre possíveis melhorias nas ações desenvolvidas pelo PAED. No quadro 3, podemos verificar a síntese da nossa categorização.

Quadro 3. Categorização dos dados. Fonte: Elaborado pela autora (2019).

Categoria principal	Categorias secundárias	Variáveis
Permanência de AcD na universidade	Chegada à universidade e conhecimento do PAED	a. Primeiros contatos com e para o apoio
		b. Importância do CIA
	Apoio prestado	a. Orientações recebidas
		b. Desafios e/ou dificuldades
		c. Importância das ações dos apoiadores para permanência
	Apoio recebido	a. Desafios e/ou dificuldades para permanecer na universidade
		b. Importância do apoio recebido
	Proposições dos sujeitos	a. Possíveis intervenções ao Programa

A seguir, apresentamos a análise de dados através do tratamento dos resultados. Por meio da inferência/interpretação sistematizamos as falas dos sujeitos da pesquisa, de modo que estas promovessem reflexões sobre as condições de possibilidade de acesso e permanência de pessoas com deficiência. As discussões dos achados estão organizadas tendo como base as categorias e variáveis elencadas no Quadro 3.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Chegada à universidade e conhecimento do paed: “como as coisas funcionam aqui dentro”

De acordo com a categoria secundária: chegada à universidade e conhecimento do PAED, trataremos a seguir os destaques feitos pelos colaboradores da pesquisa com relação aos primeiros contatos estabelecidos com e para o apoio, buscando identificar nas falas dos alunos assistidos e dos apoiadores como ocorreram as primeiras impressões sobre os espaços e programas que poderiam ofertar apoio na chegada à universidade, tanto no que diz respeito ao PAED como sobre a importância do Comitê de Inclusão e Acessibilidade (CIA) da UFPB como suporte para inclusão dos AcD.

a. Primeiros contatos com e para o apoio: “alternativa para permanecer na universidade”

Nas falas dos alunos apoiados sobre como tomaram conhecimento que poderiam dispor de apoio pedagógico através do acompanhamento de um(a) aluno(a) apoiador(a), notamos que esse conhecimento sobre “como as coisas funcionam aqui dentro” foi previamente estabelecido através do contato com pessoas que tinham ligações com os AcD e que mencionaram a existência dos alunos apoiadores na instituição. Talita e Ulisses fazem referência ao momento no qual tiveram essa curiosidade:

Talita: É... antes de entrar na universidade eu tinha um amigo, que terminou Comunicação, e eu já vinha perguntando a ele como é que funcionava aqui dentro, como eram as coisas, e ele

inclusive, mencionou o projeto aluno apoiador que era para apoiar todos nós aqui dentro da universidade. Eu tive conhecimento através dele, e quando eu cheguei aqui procurei saber lá no comitê que é o CIA, o Comitê de Acessibilidade e Inclusão, aí eu fui lá e tomei conhecimento, procurei mais informações sobre o projeto (aluna com deficiência visual).

Ulisses: [...] por meio dos meus colegas, antes de ter acesso ao Comitê, colegas que já estudavam aqui e tinham deficiência, já haviam me alertado a respeito da política de inclusão e do Programa Aluno Apoiador, isso a tamanha eficiência, quando eu cheguei foi avaliada a minha demanda e por meio desta, chegou à conclusão que necessitaria de três apoiadores [...] (aluno com deficiência múltipla).

As falas de Talita e Ulisses são reveladoras, pois demonstram curiosidade e preocupação, associadas ao fato de estarem ingressando na universidade e conseqüentemente pisando num território desconhecido, sobre como e por quem seriam acompanhados dentro desse espaço. Observamos ainda, que tanto os apoiadores como o CIA são citados nas falas de Talita e Ulisses, sendo este último, portanto, o lugar onde obtiveram maiores informações sobre o apoio a ser recebido.

Nos relatos dos apoiadores Natanael, Marília, Ivana e Apolo sobre como tomaram conhecimento a respeito do Programa e do Edital de seleção para alunos apoiadores, observamos um ponto em comum, que isso ocorreu logo no primeiro período dos seus cursos. Natanael e Marília ficaram sabendo do Programa através de uma colega de turma que necessitava de apoio e de um familiar que também é aluno da UFPB, respectivamente. Ivana e Apolo relataram que buscaram alternativas para permanecer na universidade, diante das dificuldades financeiras enfrentadas quando “chegaram aqui” e o Programa surgiu como uma possibilidade de permanência por causa da bolsa. Olga, aluna apoiadora, foi a exceção, pois só tomou conhecimento do Programa a partir do 4º período, por meio de professores da própria instituição. A seguir trazemos os relatos deles:

Natanael: quando eu tava no P1, a gente tinha uma discente que tinha deficiência e basicamente ela não teve muito contato com outras pessoas e eu fui uma das pessoas que ficou próximo a ela, e ela falou sobre o programa eu tomei conhecimento a partir dela. Ela disse: olha você podia ser meu apoiador, aí ela explicou como funcionava, aí deu tudo certo. (aluno apoiador).

Apolo: Porque assim, eu tomei conhecimento do Edital do aluno apoiador por colegas, por amigos, que me viram na situação de muita dificuldade com relação a permanência aqui na UFPB. [...] Minha mãe é costureira, meu pai é motorista. Então, meu pai tava doente, desempregado e a única coisa que me mantinha aqui na universidade quando eu comecei foi o Bolsa Família, que eu tive que correr atrás pra poder permanecer aqui. E, diante disso, quando os meus amigos viram essa situação, eles me disseram que tinha o Projeto Aluno Apoiador, que nos dava uma bolsa, para acompanhar a pessoa com deficiência em sala de aula, foi quando eu busquei fazer o processo pela necessidade. (aluno apoiador).

Olga: Eu tomei conhecimento quando eu entrei na Química-Licenciatura, porque a partir do 4º período de Química, eu entrei no PIBID, que é o Programa pra incentivar a docência né. Aí numa escola que eu fui fazer esse estágio do Programa, tinha um aluno que ele tinha necessidade especiais e a professora de química, ela não incluía ele [...] e aí a partir desse caso que me chamou atenção, eu fui falar com a supervisora do programa do PIBID e disse que queria trabalhar, começar a trabalhar nessa área de inclusão. Então, a partir dessa experiência na Química, aí eu comecei a ver na instituição, de início a coordenadora do projeto disse que nunca tinha trabalhado nessa área, que não iria trabalhar nessa área. [...] Aí quando eu falava com outros professores aí eles me indicaram: - Olha, na UFPB tem um lugar que trata de apoio a essas pessoas, alunos com deficiência e se você procurar lá você, você vai saber mais isso e como isso funciona. Aí foi quando eu fiquei sabendo sobre o Programa Aluno Apoiador (aluna apoiadora).

Escolhemos os relatos de Natanael, Apolo e Olga, propositalmente para mostrar como os caminhos utilizados pelos apoiadores para fazer parte do Programa foram diversos (“eu tomei conhecimento a partir dela [discente com deficiência]”, “pelo desespero”, “professores me indicaram”). Na primeira fala, observamos como a interação entre os alunos com e sem deficiência podem abrir caminhos para facilitar os processos de inclusão educacional (Salerno, 2009). Na fala de Apolo, notamos que pode haver um processo de “inclusão dentro da própria inclusão”, quando o mesmo relata que por ser de família pobre a bolsa o motivou a ser aluno apoiador, tendo em vista que ele “buscou fazer o processo pela necessidade”, procurando sair da situação de in/exclusão gerada por uma carência econômica (Dias Sobrinho, 2010) e manter-se incluído no ambiente universitário como aluno apoiador.

b. Importância do CIA: “um suporte pra gente”

Nos diálogos firmados com os protagonistas desta pesquisa, notamos a imprescindível importância do CIA para inclusão e permanência de AcD, na universidade. Ao serem questionados se recebiam informações do Comitê sobre a seleção de apoiadores, Antônio, Talita e Otávio relataram receber *e-mails* periódicos do CIA referente à seleção de alunos apoiadores que ocorre semestralmente, exceto Ulisses que quando perguntado sobre esse ponto relatou o seguinte:

Ulisses: Não sou informado, eu procuro saber quando há demanda, quando eu necessito, que é quase sempre, porque já faz muito tempo que eu tô na universidade, foram dois semestres de Psicopedagogia e já se vão sete em Psicologia. Então, ao longo desse tempo muitos apoiadores mudaram né, no decorrer do curso, tiveram outras demandas, foram fazer outros projetos de vida e aí naturalmente eu vou precisando substituí-los, e por essa razão acabo sempre procurando o Comitê para uma eventual substituição desses, em função das suas novas demandas e novos projetos de vida. (aluno com deficiência múltipla).

Diante das afirmações apresentadas, observamos a descontinuidade de padrões, que existem formas iguais e desiguais representadas por meio das falas e sensações vividas no ambiente universitário. Pontuamos ainda, o destaque para autonomia através do relato de Antônio, que procura melhores condições para permanecer na instituição e isso possui uma relação intrínseca com a experiência do próprio sujeito nesse lugar de in/exclusão vivenciado.

Contudo, quando se trata da tomada de decisões pelo CIA no que se refere ao acesso e permanência dos AcD na universidade e, conseqüentemente, sobre a comunicação/convite para que tais alunos participem desse processo, Antônio, Talita e Otávio foram sucintos ao dizer que não são chamados para fazer parte das tomadas de decisões, já Ulisses justificou da seguinte forma:

Ulisses: Outrora sim, hoje mais não. [...] sempre existiam reuniões mensais e nessas reuniões mensais eram convidados tanto o titular como o suplente nas tomadas de decisões, a partir da mudança da coordenação [...], essas reuniões deixaram de ser periódicas e eu não fui mais convidado para fazer parte delas. Nem sequer meus e-mails eles tinham mais, e assim, por mais que eu já tenha os alertado que eu faço parte do Comitê, eu continuo sem fazer parte, nem mesmo quando o titular não pode não pode ir, eu não sou avisado para substituí-lo. Então, a participação

hoje dia, mesmo como representante de classe é zero. E como representante de classe eu passo por essa situação, não faço ideia como seria se eu não fosse representante de classe. (aluno com deficiência múltipla).

Através desse relato, observamos que a configuração de um padrão de gestão muitas vezes pode ser alterado drasticamente e que nesse caso, a mudança foi sentida pelo aluno apoiado de maneira negativa, (“hoje mais não”, “não fui mais convidado para fazer parte delas”, “eu não sou avisado para substituí-lo”, “a participação hoje dia, mesmo como representante de classe é zero”). Por meio desse diálogo, observamos que o conceito do lema nada sobre nós, sem nós⁴, não está ocorrendo, ao menos para os alunos apoiados que entrevistamos, pois estes não estão participando plenamente no processo de inclusão, visto que suas vivências e experiências são fundamentais na construção da rede de diálogos sobre os desafios e possibilidades presentes no caminho para melhorias de ações inclusivas na universidade.

Apoio prestado: “problemáticas que se dão”

A seguir, traremos as vozes dos entrevistados relacionadas à segunda categoria secundária: apoio prestado, procurando identificar através delas as orientações recebidas pelo CIA e os desafios e/ou dificuldades encontrados para realização do apoio aos estudantes.

a. Orientações recebidas: “vai na prática mesmo de todo dia”

Reconhecendo a importância da preparação para obtenção de um apoio eficaz de forma a contribuir para inclusão e permanência dos AcD na universidade, perguntamos aos apoiadores se as orientações específicas sobre a deficiência do(a) aluno(a) apoiado(a) prestadas junto ao CIA foram suficientes para o desenvolvimento de suas atribuições como apoiador(a). De todos eles recebemos repostas negativas, a seguir destacamos algumas dessas falas que ilustram essas negativas:

Natanael: [...] não (teve) nenhuma instrução do que deveria fazer porque com ela foi um pouco complicado a gente não tava no período de inscrição da seleção, já tinha passado isso. [...] Aí o comitê na época também, não soube muito bem como reagir aí fizeram uma pequena palestra pra gente [...] eram três estagiárias e a gente, na sala, numa mesa elas explicaram mais ou menos e

⁴ NADA quer dizer "Nenhum resultado": lei, política pública, programa, serviço, projeto, campanha, financiamento, edificação, aparelho, equipamento, utensílio, sistema, estratégia, benefício etc. Cada um destes resultados se localiza em um dos (ou mais de um dos ou todos os) campos de atividade como, por exemplo, educação, trabalho, saúde, reabilitação, transporte, lazer, recreação, esportes, turismo, cultura, artes, religião.

SOBRE NÓS, ou seja, "a respeito das pessoas com deficiência". Estas pessoas são de qualquer etnia, raça, gênero, idade, nacionalidade, naturalidade etc., e a deficiência pode ser física, intelectual, visual, auditiva, psicossocial ou múltipla. Segue-se uma vírgula (com função de elipse, uma figura de linguagem que substitui uma locução verbal) que, neste caso, substitui a expressão "haverá de ser gerado".

SEM NÓS, ou seja, "sem a plena participação das próprias pessoas com deficiência". Esta participação, individual ou coletiva, mediante qualquer meio de comunicação, deverá ocorrer em todas as etapas do processo de geração dos resultados acima referidos. As principais etapas são: a elaboração, o refinamento, o acabamento, a implementação, o monitoramento, a avaliação e o contínuo aperfeiçoamento. Disponível em: <<http://www.bengalalegal.com/nada-sobre-nos>>. Acesso em: 12 dez. 2019.

fizeram uma prova com a gente. fizeram essa prova e a gente foi aprovado na prova e disseram que poderia, basicamente foi isso. [...] (aluno apoiador).

Ivana: É impossível você saber ali o que que vai lhe esperar, é impossível, são muitas demandas e a gente sente na pele o que o aluno apoiado sente, não tem como ele passar por uma situação constrangedora por um preconceito e a gente não absorver isso, como pessoa, não tem como. E assim, é impossível nesse treinamento você saber qual é a demanda que os professores vão pedir desse aluno apoiado, porque cada professor pede uma coisa, exige uma coisa do apoiado, outros nem se dirige ao aluno apoiado, se dirige totalmente ao apoiador, isso eu acho muito constrangedor pra gente e na maioria das vezes que eu pude intervir nisso eu intervi ao professor, para ele falar diretamente com o apoiado que ele tinha capacidade suficiente de interagir, de dizer o que queria, como queria. (aluna apoiadora).

Marília: foram poucas horas... era só algo amplo, e que é muito simplificado, resumido no caso, quando a gente tem o treinamento né, aí não dá para pegar nada, você vai assim mesmo, vai na sorte e vai aprendendo, vai na prática mesmo de todo dia. (aluna apoiadora).

Através das falas de Natanael, Ivana e Marília são expostos os motivos que os fizeram considerar a palestra de capacitação como algo não tão proveitoso para realização do apoio em si (“explicaram mais ou menos”, “foi um pouco ineficiente”, “são muitas demandas”, “foram poucas horas”, “não dá pra pegar nada”, “vai na prática mesmo de todo dia”). Assim, diante dessas afirmações podemos constatar que, os principais motivos para que isso ocorresse estão relacionados ao tempo na realização da palestra e a didática empregada.

Vale salientar que a palestra de capacitação sobre as funções do aluno apoiador ocorre após a publicação do resultado final do processo de seleção para apoiadores. A palestra tem duração de quatro horas, todos os candidatos a apoiadores que tenham inscrição deferida na 1ª etapa podem comparecer a palestra de capacitação, e ao término recebem o certificado de participação. Ou seja, essa palestra trata das deficiências de uma maneira geral, não sendo específica para cada tipo de deficiência.

Ainda sobre o momento da palestra, Apolo, aluno apoiador, faz o seguinte comentário: “[...] não é suficiente por conta da complexidade que é estabelecer uma relação com a pessoa com deficiência”, relatando ainda que as complexas relações são vivenciadas no dia a dia através da convivência.

Nesse sentido, tomamos como pressuposto o posicionamento de Decker (2006, p. 141), quando diz que, “em função das complexidades e das diferentes dimensões que envolvem distintas leituras e suas operatividades, a inclusão configura-se em meio a processos contraditórios e, por isso mesmo, conflitantes [...]”. Incluir é realmente algo complexo, é um processo que exige transformações e preparo, precisamos nos reinventar e ressignificar práticas que impossibilitem o andamento desse processo, não podemos compreender a inclusão como algo natural, que já está posto socialmente contribuindo para reforçar a ideia da in/exclusão, quando na verdade deveríamos buscar preparação para o envolvimento ativo com esse processo.

Finalizamos este subitem com a fala de Apolo que reflete de maneira bastante interessante as nuances de ser um aluno apoiador que é: “saber lidar com a pessoa com deficiência, saber lidar com o professor, saber lidar com diversas questões que surgem, principalmente quando se trata de acessibilidade

uma estrada sem fim, com todos os tipos de barreiras e obstáculos, alguns dos quais estão nas mentes e nos corações das pessoas. Desse modo, podemos dizer que inclusão se constitui, portanto, compromisso coletivo construído pela comunidade universitária como um todo.

Referindo-se a desafios, Apolo enfatiza fatos observados em sala de aula, mediante sua experiência como aluno apoiador e que possuem relação com a acessibilidade pedagógica, mesmo justificando que o CIA envia relatórios para as Coordenações e Departamentos sobre os AcD que ingressam em determinado curso. Vejamos:

Apolo: [...] problemáticas que se dão, em sala de aula, por exemplo, professores que não querem adaptar as aulas, que não conseguem criar soluções, é muito complicado você pegar um professor que não se propõe a pensar na posição da pessoa com deficiência dentro de sala de aula, tem professores que são muito solícitos eles buscam de toda forma proporcionar a inclusão dentro do espaço da sala de aula, mas tem professores que não fazem nem questão de fazer isso, sabe... não tem... não dão importância devida a isso, então isso é um dos desafios da relação [com os] professores [...] O professor deve usar o bom senso e adaptar as suas aulas muito antes do período começar, porque isso se dá na matrícula da pessoa com deficiência. [...] (aluno apoiador).

A inclusão de AcD nas IES, além de promover ajustes no momento de ingresso por meio de processo seletivo, conforme apontam Melo et al. (2013), deve prever ainda adequações “durante sua permanência, de modo a garantir os apoios necessários para o desenvolvimento e terminalidade com sucesso de sua formação na graduação preparando-o para o mercado de trabalho”. As adaptações e recursos utilizados em sala de aula, são suportes que colaboram de maneira positiva para a permanência dos AcD nas IES. Conforme destacamos anteriormente, o compromisso coletivo para a inclusão atravessa as mais variadas atitudes e o professor é uma peça primordial nesse processo que se constrói diariamente e que precisa de respostas éticas da parte de todos os envolvidos.

c. Importância das ações dos apoiadores para permanência: “algo que é indispensável”

Os alunos apoiadores são veementes nas suas falas ao reconhecer a importância das suas ações para a permanência do AcD na universidade. Olga e Marília relatam o seguinte:

Olga: [...] se você não tem o apoio, você vem de uma cota, você já tá em minoria, você chegar aqui você não tem esse apoio, a sua tendência é aguentar só o primeiro período e evadir. Enfim, que o Programa Aluno Apoiador, ele faz de fato essa permanência e essa inclusão, a inclusão não só pedagógica, mas muito mais arquitetônica, em vista do tamanho que é a nossa universidade, principalmente. (aluna apoiadora).

Marília: Sem o aluno apoiador ele [AcD], não ia conseguir permanecer na universidade, mesmo com todos os esforços. É algo que é indispensável, é muito importante mesmo. (aluna apoiadora).

De acordo com Silva (2017), as políticas de inclusão da UFPB, além de possibilitar a “ampliação do acesso das pessoas com deficiência na instituição, promovem estratégias de permanência nos cursos superiores, especialmente sob a responsabilidade do CIA e parceiros institucionais”. Ao assumir a função

de apoiadores junto aos AcD, comumente ocorre a troca de experiências com os diversos tipos de deficiência, mobilidade reduzida e outras demandas pedagógicas.

Castro et al. (2014) compreendem o acesso de maneira ampla, tendo em vista que, este “corresponde não só ao ingresso à universidade [...], mas à permanência desse aluno na instituição (subsídios que garantam condições adequadas para a conclusão com sucesso do curso)”. Nesse sentido, os apoiadores podem ser considerados muitas vezes, como instrumentos de ligação entre AcD-professores-colegas de turma, de acordo com Ivana:

[...] o apoiador tem como fazer, essa ligação do professor com aluno, tentar ajudar, como também em questões físicas, na acessibilidade, já falaram, a gente já teve alguns burburios de que ia acabar o programa, e num sei o que... E a gente ficava assim extremamente assustado, porque com Programa já é difícil, sem o programa ia ser assim uma coisa, absurda, seria totalmente sem condições pra todos os lados, tanto pro aluno com deficiência, como para o apoiador (aluna apoiadora).

É importante destacar que o apoiador faz a mediação na inclusão do AcD, buscando sempre promover a autonomia do aluno apoiado, mas não o substitui ou decide por ele, ou seja, o apoiador deve prezar pela participação ativa do aluno na universidade. Para encerrar este subitem, trazemos as constatações de Apolo, mediante as experiências obtidas como aluno apoiador, demonstrando ainda, um sentimento de empatia com a função que exerce. Vejamos:

Apolo: É fundamental, [...] eu, por exemplo, eu sou uma pessoa que entre aspas, não tem nenhum tipo de deficiência, não tem nenhum tipo de problema que vai comprometer com a minha permanência nesse espaço. Porém, é muito difícil permanecer nesse espaço, imagina a pessoa com deficiência, porque existem as barreiras físicas, existem as barreiras atitudinais, existem várias barreiras que vão dificultar o processo de permanência dela [PcD] aqui. [...] Então, isso é uma coisa que é fundamental, eu compreendo como fundamental a existência do programa, assim como o apoiador para a permanência da pessoa com deficiência dentro da sala de aula, dentro desta universidade para conclusão do seu curso, as nossas leis preveem que as escolas, instituições disponham do material necessário, dos meios e o apoiador se tornou também uma dessas ferramentas. (aluno apoiador).

Colocar-se no lugar do outro, talvez seja esse o caminho para evitar práticas excludentes, através da sensibilização por parte da sociedade como um todo, identificando-se com o outro, compreendendo a igualdade e a diferença, através das relações sociais, entendendo o outro como um ser autônomo.

Apoio recebido: “forma de equidade social”

Nos subitens que seguem, faremos menção aos desdobramentos da terceira categoria secundária: “apoio recebido”. Para tanto, apresentamos os desafios/dificuldades encontrados pelos alunos com deficiência para permanecer na universidade, mesmo recebendo acompanhamento pedagógico de apoiadores. Assim como destacaremos a importância do apoio recebido para permanência de AcD na UFPB.

a. Desafios e/ou dificuldades para permanecer na universidade: “nossa, são muitos!”

Ao serem questionados sobre as dificuldades encontradas para permanecer na universidade, os AcD elencaram os mais diversos tipos de dificuldades, dentre elas podemos citar: locomoção, insegurança, falta de acessibilidade e falta de formação para inclusão dos professores. Diante daquilo que lhes falta no ambiente universitário, destacamos a fala de Antônio que retrata bem os anseios vividos:

Antônio: [...] falta de alguém para poder me auxiliar nas atividades acadêmicas e locomoção, a falta de material adaptado para as minhas necessidades já que minhas atividades acadêmicas seria recomendável serem todas objetivas, pois tenho dificuldades na escrita e na fala que também dificulta nas apresentações de trabalhos, a incompreensão de alguns docentes e discentes para acatar as sugestões, pois muitos pensam que isso é uma forma de favorecimento, porém para a mim não é, isso é apenas uma forma de equidade social para eu ter o mínimo de condições para eu tentar chegar no nível das atividades desenvolvidas para uma pessoa sem deficiência. (aluno com deficiência múltipla).

Nessa fala recheada de “elementos que faltam”, visualizamos a representatividade de alguém que sente na pele as dificuldades de ser um AcD, nas (“faltas”) notamos que os direitos não são reconhecidos, direitos estes apregoados nos instrumentos legais em vigor, como afirma Carvalho (2003), "atitudes não se modificam num estalar de dedos. Decorrem de um longo processo, geralmente sofrido e com obstáculos afetivos e cognitivos a serem superados", tais obstáculos por vezes refletem a falta de formação continuada para lidar de maneira adequada com AcD.

Observamos ainda na fala de Antônio, as barreiras metodológicas e atitudinais no campo da educação referenciadas por Sasaki (2010), respectivamente quando o aluno se refere à falta de materiais didáticos adequados às suas necessidades e a falta de compreensão e atitudes comportamentais de docentes e discentes, são barreiras que consolidam práticas de exclusão.

Talita, aluna com deficiência visual, menciona a falta de acessibilidade arquitetônica na universidade e metodológica nas aulas que “às vezes não são adaptadas”, especialmente com relação aos docentes, a aluna destaca a importância do diálogo e da formação, além de ressaltar que é preciso ter coragem para vencer o medo e “andar só”. Para ela, as dificuldades e os desafios são:

Talita: Vários, em termo de acessibilidade, é... aulas às vezes não adaptadas, professores que a gente tem que procurar, dizer como se lidar com uma pessoa com deficiência, tem professores que chega para a gente e pergunta: e agora o que que eu vou fazer com você e meio que nessa parceria, nessa conversa, nesse diálogo, a gente tem que passar um pouco do que a gente sabe e como funciona né esse trabalho, como eles trabalhar, como, ele adaptar as atividades, os locais onde ele deve procurar como o NEDESP. [...] o Comitê, o lugar que a gente tem um certo apoio, eles deveriam ter dado uma capacitação, não só as pessoas que nos apoia, mas sim os professores porque acredito que provavelmente outros professores viriam já com a base com aquelas pessoas com deficiência. Em termos de acessibilidade, aqui infelizmente não tem nada né... porque no meu bloco eu tenho buscado é de mim, de mim, ter coragem, se encorajar a andar só, jogar o medo fora e se eu vou, eu tenho que ir, eu preciso, entendeu? (aluna com deficiência visual).

Ante ao exposto, relacionamos a fala de Talita com os pressupostos defendidos por Mazzotta (2008) ao tratar da inclusão selvagem, caracterizada por gerar marginalização e exclusão, na medida em que não se promove o acesso a recursos pedagógicos condizentes com as necessidades individuais e sociais

apresentadas. Já a inclusão com responsabilidade se concretiza na promoção e implementação das condições reais de acesso e permanência, através de recursos e serviços educacionais que atendam às necessidades dos alunos.

b. Importância do apoio recebido: “uma via de mão dupla”

Ao serem questionados sobre a importância do apoio recebido, os alunos apoiados foram unânimes ao afirmar a eficiência do PAED através do reconhecimento da atuação dos alunos apoiadores. Otávio e Marília, que possuem deficiência visual, destacam que os apoiadores são indispensáveis tanto na locomoção dentro da universidade como nas atividades extraclasse. Antônio, que possui doença motora de origem cerebral, relata que “os alunos apoiadores são um tipo de adaptação para o conteúdo das aulas”, e acrescenta que os apoiadores são essenciais para a fluência do diálogo, tendo em vista suas dificuldades comunicacionais por conta da fala, para ele os apoiadores:

Antônio: São de crucial relevância, pois sem eles eu tenho dificuldade para escrever as minhas atividades acadêmicas, fazer a leitura dos textos, ter um diálogo mais fluente com os professores e colegas de turma, na locomoção. Porém, é necessário salientar que a relação entre alunos apoiadores e apoiados é uma via de mão dupla, cada um tem que caminhar junto, como um casamento, cada um é suplemento do outro e vice-versa. Tem que haver uma afinidade, caso não tenha esta troca, o trabalho ficará completamente ineficaz. (aluno com doença motora de origem cerebral).

O apoio recebido é considerado por Antônio como de “crucial relevância”, faz parte de uma relação que constrói e consolida os mecanismos da inclusão no ambiente universitário, comparada a um “casamento”, no qual apoiadores e apoiados precisam ter afinidade. Nesse sentido, o(a) mesmo(a) apoiador(a) poderá acompanhar o aluno apoiado durante todo o curso, ou ainda, pode ser substituído a depender muito da relação estabelecida entre esses sujeitos, de modo que podem acontecer estranhamentos ou inconsistências no decorrer do apoio. Segundo Guenther (2003), as políticas de inclusão de alunos na rede regular de ensino, não consistem somente na permanência física desses alunos junto aos demais educandos, todavia “representam a ousadia de rever concepções e paradigmas, bem como desenvolver o potencial dessas pessoas, respeitando suas diferenças e atendendo suas necessidades”.

Ulisses, aluno com deficiência múltipla, ressalta que, mesmo diante de falhas, o Programa foi o “mais bem elaborado da política de inclusão, dos últimos tempos, não só da UFPB, mas geral [...]”. Podemos considerar esse programa como o carro-chefe da política de inclusão da instituição, por abarcar as mais diversas vertentes de acessibilidade na instituição, e colaborar de maneira ímpar para a permanência de AcD.

Proposições dos sujeitos: “não só no papel”

Finalizamos com a análise da terceira categoria secundária: “proposições dos sujeitos da pesquisa”. O subitem que segue, reflete os anseios por melhorias apresentados pelos participantes da pesquisa. Tais proposições são identificadas como essenciais para construção de estratégias ao fortalecimento do apoio prestado aos AcD da UFPB. Espera-se que tais revelações ultrapassem as barreiras postas que possam deixá-las apenas no papel e de fato promovam mudanças necessárias, principalmente no que se refere as condições de permanência.

a. Possíveis intervenções ao Programa: “que fosse mais dinâmico e autônomo”

Diante das sugestões e críticas apontadas pelos apoiadores e apoiados, apresentamos a seguir os relatos daqueles que estão sentindo na pele as dificuldades diárias para permanência na universidade, mesmo diante do apoio recebido e dos que estão realizando o apoio com vista a permanência do AcD na universidade, mas contribuem através de suas opiniões como sujeitos protagonistas do processo de inclusão.

Olga, aluna apoiadora, traz sugestões/contribuições, tendo em vista as dificuldades que alguns candidatos a apoiadores sentem desde o momento de inscrição no programa, além de fazer críticas com relação à rotatividade de estagiários do CIA, que prejudica o fluxo das demandas solicitadas pelos apoiadores

Olga: A dificuldade que eu escuto o pessoal mais falando para entrar no programa, depois que ele passou a ser esse nível de SIGAA, é muita documentação, são muitas exigências, então muita gente já desiste daí, já de fazer a inscrição. Então, como é muita coisa, eu acredito que na época das inscrições quando abrisse editais, o que é que o que o Comitê poderia fazer, poderia tipo fazer um plantão de atendimentos, pra tirar dúvidas, pra fazer a inscrição, dar um apoio, e fazer uma divulgação assim a nível de universidade pra chamar mais pessoas. Outra crítica que eu tenho em relação ao Comitê é sobre os estagiários que são de Terapia Ocupacional, a cada seis meses troca e quando você vai lá, você precisa de alguma coisa já pontual, a maioria das pessoas que tão lá não sabem, não sabem o que tá se passando. Então, não deveria ter lá estagiários que rodassem a cada seis meses. Além da Coordenação, deveria ter um funcionário x fixo lá, que atendesse todas as demandas (aluna apoiadora).

Conforme os relatos da aluna, a realização do apoio precisa estar alinhada com uma outra rede de apoio que deve possibilitar organização e a abertura de informações primordiais por meio de estratégias que confirmam inovações pertinentes ao acompanhamento dos alunos pelo CIA.

O elemento “capacitação insuficiente”, também foi unânime nas falas de todos os apoiadores entrevistados. Particularmente, observamos o quanto há carência de formação adequada para lidar com os diversos tipos de deficiência. Todos os alunos apoiadores mostraram essa necessidade desde o momento que foram questionados se a palestra de capacitação realizada pelo CIA foi suficiente para que desenvolvessem o apoio de maneira eficaz, e unanimemente todos eles disseram que não foi suficiente.

Nesse momento, destacamos as falas dos apoiadores que expressam sugestões diante desse ponto específico, ou seja, a formação necessária para lidar com as necessidades dos alunos apoiados. Apresentamos, inicialmente, a fala de Olga. Vejamos:

Olga: Eu acredito que seria necessário fazer uma experiência: oh... você tá entrando com esse aluno, você vai ter duas semanas de experiência, pra ver se vai fluir esse apoio, se não vai. Eu acredito que teria que ter uma experiência, e às vezes a gente não sabe as demandas que o aluno apoiado oferecia ao apoiador, acontece muito isso tem alunos apoiados que trocam de apoiadores a cada semestre, semestralmente e, às vezes a gente vai, recebe esse aluno apoiado, sem saber de nada do que se passou com esse apoiado e fica numa situação bem difícil. (aluna apoiadora).

Além de destacar a importância da imersão no ambiente do aluno apoiado, antes de seguir de fato com o apoio, o que poderia fazer “fluir esse apoio”. Olga também menciona a necessidade da troca de experiências entre os apoiadores do AcD, tendo em vista o conhecimento mais efetivo das demandas apresentadas pelo aluno apoiado.

Outras sugestões importantes foram apresentadas por Ivana e Marília. As duas apoiadoras destacam pontos comuns em relação à palestra de capacitação realizada pelo CIA, relatam que esta, abrange as deficiências como um todo, não sendo suficiente para realização do apoio, tendo em vista que, deveria ser mais específica de acordo com as necessidades de cada aluno. Para Marília e Ivana, o CIA deveria:

Marília: [...] separar por deficiência, tipo cada dia é uma deficiência, então você focar só naquela deficiência, você vai passar todas as informações sobre aquela deficiência, trazer um aluno apoiado com deficiência pra falar, dar um local de fala pra essa pessoa, que nada melhor do que essa pessoa contando suas experiências, o que ele quer, sempre promovendo a autonomia dele também, dele falar sobre isso, não só uma pessoa ir lá, passar slide e falar, mas trazer a pessoa com deficiência pra contar como é sua história, o que a gente pode fazer por ele. (aluna apoiadora)

Ivana: A gente faz, faz a prova e tem tipo uma palestra, só que essa palestra ela é muito assim sabe, superficial. Falando a maior parte das leis, eles só falam mais por cima entendeu? [...] uma capacitação melhor, mas voltada assim, especificamente pra cada deficiência, porque cada um precisa de uma coisa diferente, então não adianta eu ir numa palestra e ouvir sobre tudo, eu tenho que focar naquilo que eu vou fazer naquele momento, se depois eu mudar, eu faço novamente, porque cada pessoa é uma pessoa, cada deficiência é uma deficiência, que tem essas peculiaridades, as suas necessidades específicas (aluna apoiadora).

Propiciar local de fala aos alunos com deficiência, para que relatem suas experiências, apresentem suas necessidades e possam propor mudanças diante da realidade vivida, são sugestões que podem traçar caminhos mais efetivos para permanência destes, no ambiente universitário, gerando oportunidades de crescimento e formação assim como, reduzir costumes que reforçam atitudes discriminatórias e que constroem estereótipos desnecessários. O “lugar de fala” representa o protagonismo próprio da luta em oposição ao silenciamento, lugar que marca as falas e as relações de poder.

O dinamismo e a autonomia do PAED, assim como as melhorias no desenvolvimento das ações dos apoiadores, podem ser alcançados diante de atitudes coletivas. É preciso unir forças para que ações sejam efetivadas, tendo em vista o reconhecimento das diversidades e necessidades dos estudantes, por

meio de aprendizados e lutas, destacamos a importância do envolvimento da comunidade universitária como um todo, permitindo que avanços ocorram e sejam de fato sentidos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esperamos com os dados e reflexões aqui apresentados provocar novos caminhos que possibilitem os/as estudantes com deficiência a estarem na universidade de maneira menos excludente e, portanto, podendo usufruir dos seus direitos de aprender e de estar em coletivos nos espaços propiciados pelas instituições de educação superior. Dessa forma, reafirmamos a importância das políticas inclusivas na universidade para a efetivação dos direitos individuais dos sujeitos no que tange ao engajamento e permanência desses nas instituições educativas, e para a construção da democratização de espaços sociais e de alternativas de convívio com a diversidade.

De acordo como os relatos apresentados, entendemos que os alunos apoiadores desenvolvem um relevante papel para a permanência dos AcD na UFPB que perpassa os deveres, previsto no manual de orientações ao estudante apoiador, de dar suporte às atividades do AcD em sala de aula e ajudar na mobilidade daqueles que necessitam de apoio para se locomover pelos campi que compõem a UFPB, e atinge o valioso compromisso de serem também um instrumento de ligação entre AcD-professores-colegas de turma sendo mediadores no processo de inclusão, embebidos principalmente pelo sentimento de empatia tão necessário para o exercício desta função, no que diz respeito ao olhar mais intimista sobre as peculiaridades e necessidades educacionais do AcD apoiado.

No entanto, por meio das análises realizadas, reconhecemos as fragilidades das políticas inclusivas para permanência na Educação Superior relatadas pelos AcD por meio das particularidades de desafios/dificuldades, quais sejam: acompanhamento acadêmico insuficiente, insegurança com relação a ausência de apoiadores diante dos cortes de bolsas, barreiras arquitetônicas institucionais, barreiras pedagógico-metodológicas relacionadas a falta de material adaptado para realização de atividades acadêmicas, barreiras comunicacionais referentes aos conflitos interpessoais por meio do diálogo com alguns docentes e discentes, barreiras atitudinais pela falta de formação para professores e apoiadores.

As falas dos apoiadores, também revelam as dificuldades no que se refere aos desafios encontrados na realização do apoio, com destaque para: barreiras arquitetônicas pelas condições deficitárias na infraestrutura do campus, barreiras atitudinais relacionadas a falta de sensibilização e conscientização da comunidade universitária sobre as PcD que envolve ainda a ausência de empatia na relação professor/aluno, barreiras metodológicas com relação a dificuldade na compreensão das atribuições do apoiador e apoiado, os conflitos existentes entre eles no decorrer do apoio, além da ameaça de cortes de bolsas.

Diante do que nos foi permitido conhecer e inferir nas vozes dos sujeitos da pesquisa, podemos pontuar que a inclusão tem espírito de descontentamento, de incompletude, é muito mais in/exclusão ante ao “ilusório acesso” democratizado; que não se encontra concretizado. A inclusão de AcD na UFPB por vezes desencadeia sentimento de insegurança, de medo, ou ainda, anseios e dificuldades relacionadas à necessidade de formação técnica capaz de instrumentalizar aqueles que os apoiam e para a comunidade universitária com um todo; visto que existem para com o outro resistências veladas e reveladas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRASIL (1988). Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 20 de set. de 2018.
- Carvalho RE (2003). Experiências de assessoramento a sistemas educativos governamentais na transição para a proposta inclusiva. *Movimento: Revista da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense* 7: 39-59.
- Castro SF et al. (2014). Ingresso e permanência de alunos com deficiência em universidades públicas brasileiras. *Revista Brasileira de Educação Especial*, 20(2): 179-194.
- Dias Sobrinho J (2010). Democratização, qualidade e crise da educação superior: faces da exclusão e limites da inclusão. *Educação & Sociedade*, 31(113): 1223-1245.
- Guenther ZC (2003). O Aluno bem-dotado na escola regular: celebrando a diversidade, incluindo as diferenças. *Revista Escritos sobre Educação* 2(1): 47.
- Manzini EJ (2008). Acessibilidade: um aporte na legislação para o aprofundamento do tema na área de educação. In: Manzini EJ et al. (Org.). *Educação Especial: Diálogo e Pluralidade*. Porto Alegre: Ed. Mediação.
- Mazzotta MJS (2008). Reflexões sobre inclusão com responsabilidade. *Revista @mbiente educação*, 1(2): 165-168.
- Melo FRLV de et al. (2013). Acesso e permanência de estudantes com deficiência física no ensino superior. In: Melo FRLV de (Org.). *Inclusão no ensino superior: docência e necessidades educacionais especiais*. Natal: EDUFRN, 83-105.
- Mittler P (2003). *Educação inclusiva: contextos sociais*. Tradução: Windy Brazão Ferreira. Porto Alegre: Artmed.
- Moita Lopes LP de (2006). Linguística aplicada e vida contemporânea: problematização dos construtos que têm orientado a pesquisa. In: Moita Lopes LP de (Org.). *Por uma linguística aplicada indisciplinar*. São Paulo: Parábola Editorial, 85-108.

- Salerno MB (2009). Interação entre alunos com e sem deficiência na Educação Física Escolar: validação de instrumento. Campinas, SP. 124p. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Universidade Estadual de Campinas.
- Sasaki RK et al. (2010). Inclusão: construindo uma sociedade para todos. 8. ed. Rio de Janeiro: WVA.
- Silva JSS da (2014). Acessibilidade, barreira e superação: estudo de caso de experiências de estudantes com deficiência na educação superior. 242f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa - PB.
- Silva LR da (2017). Políticas de Inclusão na Educação Superior: acesso e permanência de pessoas com deficiência na UFPB. 184f. Dissertação (Mestrado Profissional) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa – PB.
- Skliar C (2006). A inclusão que é “nossa” e a diferença que é do “outro”. Pg. 15-34. In: Skliar C. Inclusão e educação: Doze olhares sobre a educação inclusiva. Rodrigues D (Org.). São Paulo: Summus.

ÍNDICE REMISSIVO**A**

alfabetização, 30, 38, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 59, 61, 62, 85
 alunos com deficiência, 62, 104, 105, 106, 108, 114, 118, 120
 aprendizagem, 7, 8, 9, 14, 19, 20, 21, 25, 26, 27, 31, 32, 33, 36, 39, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 50, 51, 52, 53, 55, 56, 62, 63, 65, 66, 67, 69, 71, 73, 74, 75, 76, 77, 79, 81, 83, 85, 86
 autonomia, 18, 27, 47, 59, 65, 67, 81, 82, 85, 106, 109, 112, 114, 118
 avaliações
 em larga escala, 31, 38, 40
 em matemática, 31, 32, 40

C

cinema, 6, 7, 8, 9, 10, 12, 13, 14, 15
 cultivos, 72, 73, 78

D

discente, 28, 47, 48, 49, 50, 53, 63, 76, 101, 108, 109
 disciplina, 7, 14, 16, 17, 18, 19, 22, 24, 25, 29, 35, 53, 54, 66, 68, 69
 docentes, 20, 22, 25, 35, 49, 63, 64, 65, 67, 72, 82, 101, 115, 119

E

educação
 básica, 26, 30, 31, 33, 36, 38, 39, 40, 41
 superior, 50, 87, 101, 103, 104, 119, 121
 enfermagem, 42, 43, 44, 45, 49, 50, 51
 ensino, 6, 8, 9, 10, 17, 19, 20, 21, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 31, 32, 33, 35, 36, 40, 41, 42, 43, 44, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 55, 56, 57, 58, 61, 63, 64, 65, 66, 68, 69, 70, 71, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 91, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 116, 120
 fundamental, 16, 30, 38, 39, 52

médio, 31, 35, 37, 38, 40, 68, 70, 72, 77, 79, 82, 84

evasão, 26, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103

F

família, 29, 45, 60, 62, 108
 formação, 18, 24, 25, 26, 29, 35, 42, 43, 44, 46, 47, 54, 56, 65, 67, 78, 83, 99, 104, 112, 113, 115, 117, 118, 119, 120

G

gestão, 16, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 58, 103, 110

H

horta escolar, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 76, 78, 79, 80, 82, 83, 84, 85

I

inclusão, 24, 25, 49, 104, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 119, 120, 121
 indicadores, 30, 31, 32, 33, 36, 38, 40, 87, 99

M

metodologia, 22, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 64, 76, 77, 87, 88
 ativa, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 76

P

percepção, 6, 7, 8, 20, 24, 35, 43, 47, 48, 51, 68, 70, 73, 74
 permanência, 87, 102, 107
 PISA, 30, 31, 32, 33, 34, 36, 37, 38, 39, 40
 planejamento, 7, 9, 13, 22, 32, 56, 71, 98
 prática escolar, 6, 12, 13, 86

S

sala de aula, 6, 7, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 16, 17, 19, 21, 22, 29, 32, 41, 43, 44, 55, 63, 68, 69, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 82, 83, 108, 113, 114, 119

T

transdisciplinaridade, 69, 70, 83, 85

U

Universidade Federal do Pará, 87, 88, 91, 100,
103

 **LUCAS RODRIGUES OLIVEIRA**



Mestre em Educação pela UEMS, Especialista em Literatura Brasileira. Graduado em Letras - Habilitação Português/Inglês pela UEMS. Atuou nos projetos de pesquisa: Imagens indígenas pelo “outro” na música brasileira, Ficção e História em Avante, soldados: para trás, e ENEM, Livro Didático e Legislação Educacional: A Questão da Literatura. Diretor das Escolas Municipais do Campo

(2017-2018). Coordenador pedagógico do Projeto Música e Arte (2019). Atualmente é professor de Língua Portuguesa no município de Chapadão do Sul. Contato: lucasrodrigues_oliveira@hotmail.com.

ISBN 978-658831933-8



Pantanal Editora

Rua Abaete, 83, Sala B, Centro. CEP: 78690-000
Nova Xavantina – Mato Grosso – Brasil
Telefone (66) 99682-4165 (Whatsapp)
<https://www.editorapantanal.com.br>
contato@editorapantanal.com.br